

O cinema como recurso de ensino na educação básica: algumas reflexões

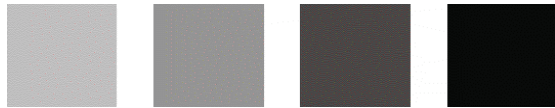
*Aliandra Cristina Mesomo Lira¹
Paulo Guilhermeti²
Raphael Nunes Nicoletti Sebrian³
Roberto Machado Guimarães⁴
Abel Antônio dos Santos⁵
Daniel Ivori de Mattos⁶
Valderes dos Santos⁷
Viviane Cristina Princival⁸*

RESUMO

Este trabalho traz algumas reflexões realizadas a partir do desenvolvimento do projeto de extensão “O cinema como recurso de ensino na educação básica”, vinculado ao programa de fomento à atividade extensionista denominado “Universidade Sem Fronteiras”, uma parceria da SETI/PR com as universidades e faculdades estaduais do estado do Paraná. Aqui são apresentadas algumas possibilidades de utilização do registro fílmico em sala de aula, observado à luz de todo seu potencial pedagógico. O encaminhamento metodológico, ancorado por embasamento teórico, aconteceu por meio de atividades de campo realizadas nos colégios e com os professores do núcleo de educação da região onde o projeto é desenvolvido. Para dar cumprimento às intenções do projeto, foram realizadas pesquisas de variados gêneros bibliográficos e produção de material como roteiros e análises fílmicas. O trabalho com os professores buscou contribuir de forma direta e extensiva sobre sua atuação em sala de aula, propondo atividades que contribuíssem com seu processo formativo, ao mesmo tempo em que valorizassem suas experiências nas práticas pedagógicas diárias. Os resultados apontam para a importância do trabalho com filmes nas escolas e com os professores, uma vez que este é um recurso com amplas possibilidades de exploração e que, muitas vezes, não é utilizado de forma correta e consciente pelos professores em suas aulas.

Palavras-chave: Cinema, Ensino, Formação de Professores.





INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre algumas questões relativas à educação, à didática, à diversificação do trabalho prático do professor, mais especificamente no que se refere à utilização do cinema como recurso de ensino. O projeto “O cinema como recurso de ensino na educação básica” está vinculado ao programa de fomento à atividade extensionista “Universidade Sem Fronteiras”, promovido pela Secretária de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior – SETI-PR e, no caso específico do projeto em pauta, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO.

Buscar-se-á expor, aqui, a partir de reflexões teóricas e práticas, questões referentes a todos os envolvidos no processo, relatando algumas situações que podem ser relevantes ao profissional que deseja utilizar esse recurso (cinema) em suas aulas. Além disso, serão discutidos alguns resultados alcançados com o projeto.

○ PROJETO E SUA BASE TEÓRICA

A educação é uma das práticas sociais que atrai a atenção de modo especial, pois sempre aconteceu de modo informal e, há muitos anos, de maneira mais sistematizada nas escolas. Vivemos em uma sociedade interativa, temos diversos tipos de contatos em cenários diferentes, motivados por normas de conduta e, por

alguma necessidade, obedecemos às regras impostas pelo meio. A conceituação de educação formal tem um sentido sistematizado com perspectivas, objetivos pré-definidos, enquanto a educação informal se dá por meio de relações de convivência entre indivíduos sem ter um caráter formal previamente planejado.

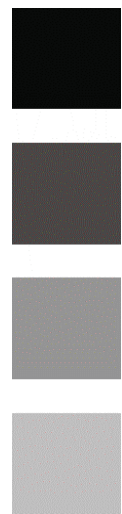
As duas formas de educação coexistem, na escola e fora dela. E para que a própria educação escolar se torne mais eficaz é necessário que os professores e alunos tomem consciência do grande alcance dos processos informais de educação e que os levem em consideração ao desenvolverem suas atividades, buscando a coerência entre o dizer e o fazer, entre o pensar e o agir, e entre o sentir e o falar (PILETTI, 2002, p.10).

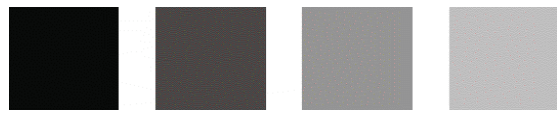
Partindo da citação de Piletti, reconhecemos caminhos para novas perspectivas dentro dos contextos educativos. Nesse sentido, o professor poderá utilizar novas metodologias que possam ser úteis no desenvolvimento do trabalho em sala de aula e, pelo uso de recursos variados, deve procurar a melhor forma de transmitir seu conhecimento em uma aula interessante e significativa. A prática educativa privilegiada pelos professores em suas aulas é de foro particular, buscando sempre a criatividade e criticidade, por isso é que precisamos ser incessantemente exploradores do conhecimento. Segundo Paulo Freire (1996, p.29), “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”.

Um dos objetivos de se trabalhar o cinema em sala de aula é aproveitar a curiosidade dos alunos frente às possibilidades de ação e poder que o filme pode dar ao professor e, conseqüentemente, aos alunos. Utilizar os filmes para construir o conhecimento, a partir de fundamentação prévia, institui um processo no qual o papel do professor será o de mediador. Contudo, existem várias questões que devem ser levadas em consideração pelo professor antes de qualquer trabalho com as produções fílmicas.

Ao escolher o filme, o professor deve assistir a ele antes de passar à turma, já pensando na faixa etária dos alunos, bem como nas ligações entre o filme e o conteúdo. Também deve ser considerada como será feita a análise ou a reflexão sobre o material, se será apresentado como introdução para um novo conteúdo ou como fixação, se o filme será apresentado aos alunos na íntegra ou apenas alguns trechos.

Um grande empecilho para o trabalho com filmes são os horários da escola, pois as aulas geralmente duram entre 45 e 50 minutos e os filmes duram em média 80 minutos. A não ser que o professor tenha duas aulas seguidas ou possibilidades de troca de horário com um colega, a questão do tempo compromete o trabalho





a ser desenvolvido. Uma saída seria adequar o mesmo filme para duas disciplinas, desenvolvendo atividades de forma interdisciplinar.

Ainda na preparação da apresentação do filme, outro fator que devemos cuidar é:

Há quem tome o cinema como lugar de revelação, de acesso a uma verdade por outros meios inatingível. Há quem assuma tal poder revelatório como uma simulação de acesso à verdade, engano que não resulta de acidente, mas de uma estratégia (XAVIER, 1988, p.367).

Considerando a postura acima indicada por Xavier, sob a ótica da construção cinematográfica, o simples caráter "tapa-buraco", utilizado por muitos professores em relação às películas, pode acarretar consequências desastrosas para a formação pessoal dos indivíduos consumidores desse tipo de mídia. Diante disso devemos, em qualquer situação, deixar muito bem explicado que não existe uma verdade pronta e acabada, que o que se pode observar numa

produção são facetas de interpretações, olhares direcionados, todos com um objetivo e um significado específico. Esses aspectos precisam ser observados e destacados pelos professores, o que fica inviabilizado se o filme está sendo utilizado em sala apenas para ocupar o tempo e "aliviar" o trabalho do professor.

Frente a essas questões reconheceu-se a necessidade de trabalhar junto aos colégios e diretamente com os professores, apoiando-os no sentido de conscientizá-los e instrumentalizá-los sobre a importância e ganhos com o uso do cinema em sala de aula.

A tarefa do professor, em resumo, é utilizar o filme como forma de debater conceitos, dinamizar o conteúdo, porém, com a prévia preparação da turma para a recepção, direcionando a atividade em todos os momentos. No projeto, somos um grupo de nove pessoas, sendo, três professores universitários, um bolsista recém-formado e cinco bolsistas acadêmicos dos cursos de Pedagogia e História da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus Avançado de Pitanga. O projeto acontece em cinco escolas estaduais, três da cidade de Pitanga, uma da cidade de Palmital e outra do município de Santa Maria D'Oeste, todas pertencentes ao Núcleo Regional de Educação de Pitanga.

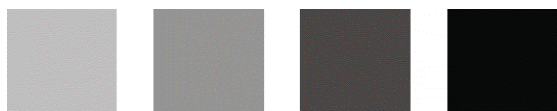
Cada bolsista, em consenso com o colégio e equipe pedagógica, selecionou apenas um professor para trabalhar a cada rodada de filmes. Foram organizados encontros semanais ou quinzenais, dependendo do calendário do colégio, com esses professores, com o objetivo de escolher o melhor filme a ser trabalhado, elaborar um roteiro para reflexão com os alunos e organizar a posterior apresentação do filme

selecionado, sempre amparado pela coordenação do projeto.

O TRABALHO EM PRÁTICA: RELATO DE DUAS EXPERIÊNCIAS

Uma de nossas práticas começou no Colégio Estadual José de Anchieta, no município de Santa Maria D'Oeste. Tivemos um período contínuo de preparação, com leituras que fundamentaram nossa compreensão sobre o cinema e as possibilidades de uso desse recurso em sala de aula. Iniciamos o trabalho com o primeiro ano do curso de formação de docentes na disciplina de Língua Portuguesa, alunos que estavam se preparando para trabalhar como futuros educadores. Demos início à análise do filme com o estudo de um texto de apoio, com o qual os alunos puderam conhecer um pouco sobre linguagem cinematográfica, as fases de sua produção, a filmagem, execução, recorte, montagem das cenas, e, conseqüentemente, o filme pronto.

O passo seguinte foi assistir ao filme "Mais estranho que a Ficção". O grupo do projeto, em reunião, assistiu à produção supracitada e elaborou questões relacionando a produção com o conteúdo da disciplina. Compilando as análises, elaboramos, em conjunto com a professora da turma, um roteiro embasado na proposta de Marcos Napolitano. Composto por cinco questões, ele permitiu um debate eloquente e grande participação



da turma. Na aplicação em sala de aula, tivemos a possibilidade de realizar pausas em determinadas cenas e pudemos discutir várias situações relevantes, haja vista que os alunos já tinham assistido a esse filme em outro momento e, assim, participaram ativamente da problematização. Para finalizar nosso trabalho, montamos um painel reproduzindo uma cena do filme escolhida pelos alunos, o que representou, aos envolvidos na atividade, um momento de atividade prática bastante interessante.

Em outro momento, agora em contato com o Colégio Estadual Profª. Júlia H. de Souza, no Município de Pitanga, nosso trabalho aconteceu com a disciplina de Física a partir do tema do aquecimento global. Foram realizadas pesquisas sobre o tema e produções fílmicas possíveis de serem trabalhadas, sendo escolhido o documentário “Uma verdade inconveniente” e elaborado roteiro de análise e reflexão, a partir de encontros sistemáticos. Esse roteiro foi composto por uma ficha técnica do filme, algumas informações

pertinentes à produção, uma sinopse e algumas questões sobre o filme, elaboradas para proporcionar reflexões sobre o tema que hoje é muito discutido. Tínhamos apenas a primeira aula naquele dia e, portanto, tivemos que trocar a segunda aula para que houvesse tempo para desenvolver a atividade planejada. Os alunos mostraram-se bastante interessados no documentário, prestando atenção à produção apresentada.

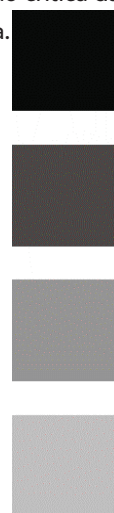
No entanto, após a apresentação, revisando as questões que foram entregues aos alunos para que, na próxima aula, houvesse uma discussão, percebemos que os alunos ficaram muito ligados aos elementos específicos ao filme e, assim, poucos perceberam vínculos com questões do conteúdo disciplinar, objetivo primordial da atividade. Coube à professora estabelecer essas relações, relembando cenas do filme que estavam ligadas ao conteúdo e que, de fato, levariam a compreender as causas e efeitos do aquecimento global, discutidos na disciplina de Física. Assim, a própria

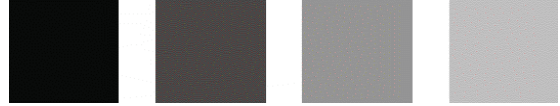
professora afirmou que houve uma melhor compreensão do conteúdo e a atividade também ajudou no relacionamento com os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre o cinema e usá-lo como um recurso de ensino implica reconhecer o papel dessa linguagem na construção dos sujeitos, de suas formas de ver e estar no mundo. Como instituição formativa, a escola precisa promover formas de interpretação crítica dos filmes, como produtos culturais que são.

Como o próprio nome sugere, o programa “Universidade Sem Fronteiras” tem como intuito expandir a Universidade para além de seus portões, levando-a a se integrar à comunidade. No projeto, observamos que todos os bolsistas que tiveram a oportunidade de atuar em sala de aula, alcançaram muito mais do que o objetivo inicial, pois puderam produzir conhecimento que proporcionou a eles, aos professores e aos alunos das escolas, preparação para a análise e a utilização crítica da produção cinematográfica.





NOTAS

- ¹ Professor UNICENTRO - PR. E-mail: aliandra@usp.br.
- ² Professor UNICENTRO - PR. E-mail: pauloguilhermeti@ig.com.br.
- ³ Professor UNICENTRO – PR. E-mail: rsebrian@gmail.com.
- ⁴ Acadêmico UNICENTRO - PR. E-mail: robertoguimaraens@hotmail.com.
- ⁵ Acadêmico UNICENTRO - PR. E-mail: abelpitanga@hotmail.com.
- ⁶ Acadêmico UNICENTRO - PR. E-mail: daniel_mattos@hotmail.com.
- ⁷ Acadêmica UNICENTRO - PR. E-mail: valdynha_1@hotmail.com.
- ⁸ Acadêmica UNICENTRO - PR. E-mail: vivi_princivall@hotmail.com

REFERÊNCIAS

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

PILETTI, Nelson. *História da Educação no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

XAVIER, Ismail. Cinema: revelação e engano. In: NOVAES, Adauto (org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 367-383.

